

MARCEL PROUST E O NOSSO TEMPO

Oliveira Franco Sobrinho
(Para A NAÇÃO)



Ilustração de uma velha crônica de Proust — "Na sua — 3 horas da madrugada; 4.º abafado do zero — o ar abafado dos porões é doce aos dedos enregelados..."

A CONSTRUÇÃO de uma novela, até bem pouco tempo, dependia mais da imaginação e da inspiração que da investigação, da percepção, da observação ou da inteligência. O artista para agradar era obrigado a adaptar-se da vida, imaginando, assuntos escabrosos, temas de assombro, argumentos que chocassem o leitor aquinho de verdades absolutas, mentes afastadas da realidade.

A vida em si nada representava de extraordinário. O artista e o leitor buscavam, longe de si, o que era insuperável, fugiam ao cotidiano, para pseudos incantamentos, para trazer algo de aproveitável. O

indivíduo preferia fugir à realidade, escapar-se à vida, do que viver na leitura novelesca uma nova vida com as mesmas misérias, as mesmas angústias, os mesmos martírios.

Tão somente nos períodos agitados da história da humanidade a realidade abraça e domina os profundos da imaginação. Nos períodos de transição, transformação em lutas políticas incansáveis, a sensibilidade, tornando-se mais aguda e mais fraca a imaginação do homem, o sentimento do real preocupava mais que as crescentes essencialmente utópicas. Ali, a vida possuía os seus imperativos. A verdade

atrás porque todos também alguma coisa. E a tragédia e a angústia cecejava, colocando o indivíduo no centro dos conflitos onde se decidem os destinos das massas humanas. Nesses períodos, existiram Hugo, Tolstói, Dostoiévski, Proust e outros tantos. Os seus primeiros exercitaram a sua dor entrando em contato direto com as multitudes sofredoras. O quarto preferiu sofrer sozinho, sentir isolado a miséria social, aquela dissociação fatal que prepara no sub-consciente do homem o fracasso de uma civilização. E foi da sua arte um elemento de investigação, de sondagem da vida, um instrumento de observação do indivíduo.

II

Intelectualista e possuidor de uma sensibilidade profunda, cerebral, Proust não compreendia a vida sem sentir a vida. Inteligência e sensibilidade equilibravam-se em Marcel Proust. Harmonizava o indivíduo com a sociedade, fazia nascer o seu tempo interior em função do tempo exterior e daí resultar a duração real. O que parecia, à primeira vista, incapacidade de viver, não mais é que coragem de viver, coragem de isolá-lo para viver, sabendo que os momentos mais duros, mais agudos e sentido da dor, mais tenebrosos a análise de sobreviver, mais tormentosa a existência.

E' o aproveitamento da dor, da angústia, das convulsões internas, que fazem do autor de "Les Temps Retrouvés" um artista

(Continua em 26 páginas)

MARCEL PROUST E O NOSSO TEMPO

O Dia – sine die, janeiro de 1936.

Republicado em: A Nação – 19 de janeiro de 1936, L1/48v.

A construção de uma novela, até bem pouco tempo, dependia mais da imaginação e da inspiração que da investigação, da percepção, da observação ou da inteligência. O artista para agradar era obrigado a afastar-se da vida, imaginando assuntos escabrosos, temas de assombrar, argumentos que emocionassem o leitor sequioso de novidades absolutas, mesmo afastadas da realidade.

A vida em si nada representava de extraordinário. O anseio e os ideais humanos, longe de servirem de inesgotável fonte ao novelista, eram pesadelos incapazes de trazer algo de aproveitável. O indivíduo preferia fugir à realidade, escapar-se à vida do que viver na leitura novelesca uma nova vida com as mesmas misérias, as mesmas inquietudes, os mesmos martírios.

Tão somente nos períodos épicos da história da humanidade a realidade abraçou e dominou os produtos da imaginação. Nos períodos de transição, transformação ou lutas políticas intensas, a sensibilidade tornando-se mais aguda e mais fraca a índole imaginativa do homem, o sentimento do real preocupava mais que as criações essencialmente utópicas. Aí, a vida possui os seus imperativos. A verdade atrai porque todos temem alguma coisa. É a tragédia e a angústia coletiva, colocando o indivíduo no centro dos conflitos, onde se decidem o destino das massas humanas. Nesses períodos, existiram Hugo, Tolstoi, Dostoiowski, Proust e outros tantos. Os três

primeiros exteriorizaram a sua dor entrando em contato direto com as multidões sofredoras. O quarto preferiu sofrer sozinho, sentir isolado a miséria social, aquela dissociação fatal que preparava no subconsciente do homem o fracasso de uma civilização. E fez da sua arte um elemento de investigação, de sondagem da vida, um instrumento de observação do indivíduo.

II

Intelectualista e possuidor de uma sensibilidade profunda cerebral, Proust não compreendia a vida sem sentir a vida. Inteligência e sensibilidade equilibravam-se em Marcel Proust. Harmonizava o indivíduo com a sociedade, fazia nascer o seu tempo interior em função do tempo exterior e daí resultar a duração real. O que parece, à primeira vista, incapacidade de viver nada mais é que coragem de viver, de isolar-se para viver, sabendo que, no isolamento, maior é a dor, mais agudo o sentido da dor, mais terrível a ânsia de sobreviver, mais tormentosa a existência.

É o aproveitamento da dor, da angústia, das convulsões internas que fazem do autor de “Les Temps Retrouvé” um artista originalíssimo. Longe do mundo, ele procurou concentrar-se no sofrimento. A natureza íntima das coisas o atraía. Era levado, tal qual um filósofo da velha Hélade, à investigação febricitante das primeiras causas. E entre emoções e sensações foi elevando o seu pensamento e crescendo a sua obra. Cada nova emoção era uma nova descoberta. Cada nova descoberta, um mundo a estudar. Tudo surpreende e tudo pasma. Nada é antigo nessas regiões para onde Proust se transportou à procura de calma para o seu corpo enfermo, de silêncio para a sua dor. E as vidas se sucedem numa vontade contínua de imprevistos, de dramas psicológicos, de formações psíquicas, o sobrenatural agiganta-se, o impalpável torna-se palpável.

Procurando o tempo perdido, Proust chegou a outros mundos. Esses mundos novos são o fim dos maiores romancistas, que procuram neles novos “eus”, outras personalidades e outras individualidades. A consciência movimenta essa vida interiorizada. Nada mais estupendo que o que produz tudo o que nos envolve. A luta da consciência é formidável, como é formidável o valor das forças negativas que a

tentam dominar. Ela, na verdade, é o elo vital entre esses dois extremos que se chocam. E toda sorte de reação se anula ante a descoberta de novos horizontes. Consciência e sentimento se harmonizam. Os dois mundos se interpenetram, se confundem.

III

Agora, que se publica, em nova edição, “*Les Plaisirs et les jours*”, o primeiro livro de Marcel Proust, nada melhor que um balanço da influência de Proust na literatura moderna. Joseph Peyré, Marcel Arland, Kessel, François de Roux, Bertrand de La Sale, Dominique, Louis Guilloux, este último concorrente notável ao prêmio Goncourt, são os descendentes mais destacados daquela literatura íntima e intensamente humana, celebrizadora do gênio de Proust. Estes entre os novos da casa dos quarenta anos e em França. Mesmo Pirandello, o mais autêntico representante da literatura Proustiana de antes da guerra, muito se diferencia desses escritores novos, ocupados com o problema da reespiritualização das massas humanas.

A todos nós, Proust ensinou a preservarmos o nosso íntimo, a estudarmos a nossa consciência, a penetrarmos às regiões desconhecidas da psique. E essa geração formada no horror das batalhas, sentindo horror à vida, para retemperar-se, precisou voltar-se para dentro, fugindo de assistir o desmoronamento de uma humanidade. Sentia a inferioridade de nada poder fazer para tornar a vida mais agradável, mais pura, mais aceitável, mais sincera à vontade do homem, mais angélica à tragédia da destruição. No abandono das coisas transitórias estava a salvação. Na procura de um novo destino, a certeza de uma nova vida. Na exaltação da própria personalidade, o segredo de novas energias. Proust foi, sem dúvida, o precursor dessa literatura íntima que enche todo o nosso tempo. E como precursor faz-se mestre, e como mestre abriu caminhos. Abriu caminhos fazendo arte, trabalhando para criar, criando para viver.